

A inércia no ponto de partida: uma leitura da irônica viagem de Álvaro de Campos*

Maria das Graças Fonseca Andrade**

RESUMO

Neste trabalho analisa-se, em *Poesias de Álvaro de Campos*, o simbolismo da *viagem*, o que esta envolve e como se processa na construção textual desse “eterno viajante”, para concluir que os constantes adiamentos não são senão simulações da viagem poética que se realiza diante do leitor e com ele.

Viaja em ti mesmo!
Shabestari

O que existe é homem humano. Travessia.
Guimarães Rosa

(Estou há tanto tempo aqui, inerte, com o lápis suspenso em posição de espera, mas como começar a falar de uma viagem que nunca ocorreu? Refiro-me a Álvaro de Campos, este *vijante trapaceiro*. Eu deveria ter lido a *Estética do fingimento* em Fernando Pessoa esparramada pela viagem de Álvaro de Campos. Meu engodo foi o preço da minha ingenuidade. Agora sim, consegui a senha para, como Campos, embarcar nessa viagem peculiar. Um dígito da senha é introverter-se.)

Ao contrário da idéia convencional de que viajar é correr, percorrer, de que a viagem é um caminho que se percorre para chegar a outro lugar afastado, entendo a viagem de Campos não como um movimento que se exterioriza,

* Trabalho final do curso “Modernidade em Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro”, ministrado pela Prof^a Dr^a Lélia Parreira Duarte no Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas.

** Bacharel e Licenciada em Psicologia, Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas.

mas como um outro tipo de movimento, aquele que remete o sujeito para dentro de si mesmo. A viagem de Campos, por ser mais sutil, pode inicialmente ser confundida com inércia, mas não é que ela não se realize, é que ela se dá em outro plano, outro *campo*: no interior.

Octavio Paz (Paz, 1996, p. 214) afirma que a máscara de Campos é a máscara do vadio. O vadio é justamente aquele que por não ter ocupação ou não fazer nada, vagueia, vaga, anda errante ou sem destino. Assim é que Álvaro andar vagante pelos muitos *Campos*¹ à procura de si, da sua identidade, da realização do desejo de querer ser tudo (mas sem nunca obter êxito e sempre se deparando com a impossibilidade, a falência, a falta, a irrealização de seu desejo megalomaniaco de querer ser tudo). Essa idéia do vadio faz-me ainda pensar no ócio – e penso no ócio não no sentido nefasto, um ócio vil, não é isto. É que o vadio, nada tendo que fazer, vaga, divaga, devaneia, fantasia, imagina. Assim sendo, o poeta tem que necessariamente ser um ocioso; a idéia do ócio fica portanto vinculada à idéia do poetizar. Então a inércia de Campos é mais uma vez um fingimento. Preparando-se para todas as viagens que são sempre adiadas devido à sua falta de ação, de atividade, ao seu torpor, ao seu tédio, ele engana o leitor menos avisado que fica a abrigar a convicção de que Campos não viaja. Ele viaja, ele faz a outra viagem, não a que cabe em um reles cotidiano; a sua viagem é a da ficção, da poesia, do percurso da escrita, da procura da palavra que lhe seja *casa*, ele, o desterrado, o degredado.

*E acho que não faz mal não ligar importância à pátria
Porque não tenho raiz, (...) (Pessoa, 1995, p. 347)²
Não posso estar em parte alguma. A minha
Pátria é onde não estou. (PAC, p. 303.)*

O simbolismo da viagem pode ser resumido na busca da verdade, da paz, da imortalidade, do conhecimento, da procura e da descoberta de um centro espiritual. Consta que todos que empreenderam uma viagem ao centro do mundo fracassaram: o centro do mundo tornara-se inacessível. É que, na realidade, essas viagens só são possíveis quando realizadas no interior do próprio ser. “A viagem que é uma fuga de si mesmo nunca terá êxito”. (Chevalier e Gheerbrant, 1995, p. 951)

O viajante incessante e sempre insatisfeito com a terra onde está levanta

¹ Heteronímia dentro da heteronímia? A esse respeito é oportuna a leitura do texto “Álvaro de Campos em Pessoa: o heterônimo da heteronímia por realizar”, do Prof. Francisco Maciel Silveira, USP.

² A partir desta, todas as citações referentes a essa obra virão assinaladas no texto com a abreviatura PAC e o número da página entre parênteses.

uma suspeita: não estará ele mais próximo da busca da pátria original, da *Mãe perdida*, como pensa Jung, do que de uma pátria terrena?

*Ah, quem sabe, quem sabe,
Se não parti outrora, antes de mim,
Dum cais; se não deixei, navio ao sol
Oblíquo da madrugada,
Uma outra espécie de porto?*
(PAC, p. 315)

Em busca da Terra da promessa, o viajante torna-se um peregrino, um rastreador da cidade ideal. Contudo, como alerta Cirlot, a viagem pode ser também uma fuga da Mãe.³

Álvaro de Campos é esse viajante constante, mas entediado com o que vê, infeliz com o que não obtém. Aborrecido, descontente, sonha com o desconhecido, o inacessível, o indefinido.

*Que inquietação profunda, que desejo de outras coisas,
Que nem são países, nem momentos, nem vidas,
Que desejo talvez de outros modos de estados de alma (...)!
(PAC, p. 314)*

*Não sei qual é o sentimento (...)
Que me dá de repente
Um nojo daquilo que seguia,
Uma vontade de nunca chegar a casa,
Um desejo de indefinido.
Um desejo lúcido de indefinido.
(PAC, p. 421)*

*Naus partem – naus não, barcos, mas as naus estão
em mim,
E é sempre melhor o impreciso que embala do que o
certo que basta*

*Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba
não basta
(PAC, p. 354)*

*Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
(PAC, p. 380)*

³ Convém lembrar aqui a tragédia *Édipo-Rei*, de Sófocles.

*Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco – não sei qual – e eu sofri.*
(PAC, p. 343)

Mais do que como um deslocamento físico, a viagem pode ser entendida como expressão de um desejo profundo de mudança interior, necessidade de experiências novas. Para Jung, a viagem indica uma insatisfação que leva à busca e à descoberta de novos horizontes.

Em todas as literaturas a viagem é símbolo de aventura e procura, podendo esta tratar de algo concreto (como um tesouro) ou abstrato (como o conhecimento). Mas essa procura, essa busca, diz respeito quase sempre a algo exterior e não à busca de si mesmo. Esta espécie de viajante pode encontrar tudo o mais, exceto a si próprio. Aqui, a viagem torna-se o signo e o símbolo de uma perpétua recusa de si mesmo e a única viagem válida é aquela que o homem faz ao seu próprio interior.

A viagem de Álvaro de Campos é assim. “Virado para dentro”, Campos afirma como única realidade a da sensação.

*Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente, (...)*
(PAC, p. 406)

*Tenho pela vida um interesse ávido
Que busca compreendê-la sentindo-a muito.*
(PAC, p. 405)

Além da mania de sentir, de viver sob o império das sensações, Campos tinha “o grande vício da imaginação” (Paz, 1996, p. 202-203). A imaginação é seu modo de viajar, de “trazer o universo ao colo”. (PAC, p. 405)

*Fui educado pela Imaginação,
Viajei pela mão dela sempre,
Amei, odiei, falei, pensei sempre por isso,
E todos os dias têm essa janela por diante,
E todas as horas parecem minhas dessa maneira.*
(PAC, p. 350)

*Viajei por mais terras do que aquelas em que toquei...
Vi mais paisagens do que aquelas em que pus os olhos...
Experimentei mais sensações do que as sensações que senti.*
(PAC, p. 342)

*Vi sempre o mundo independentemente de mim.
Por trás disso estavam as minhas sensações vivíssimas,
Mas isso era outro mundo.*

(PAC, p. 404)

As sensações, os sentimentos são um mundo (antecedente, labiríntico, esfíngico) que clama para que o percorramos primeiramente. Sentir a viagem é já viajar, e se Campos está sempre “à véspera de não partir nunca” (PAC, p. 393), é porque ele quer alargar o instante presente, empurrando sua realização frustrante para frente, para sentir excessivamente a viagem. Acender o cigarro para adiar a viagem, sentar na cadeira em companhia das camisas que não cabem na mala são truques para prorrogar a viagem concreta e são simultaneamente indícios que nos levam à compreensão de que, para a viagem que ele faz, não há que arrumar malas; a mala a ser arrumada é a mala de ser, e esta, toda a sua vida ele tem tido que arrumar, ele tem existido a arrumá-la. Fazer uma viagem concreta, física, implica em escolhas, distâncias, perdas inerentes a toda partida, angústias. A aparente apatia do poeta, sua postura estática e lúcida de parasita que nada realiza, é uma cilada. Ele nos ilude dando a ver sua figura em repouso ao pé da janela, mas esta janela aberta, a da imaginação, a da sensação, vem esclarecer que a ação, o movimento é o das imagens, é o dos sentimentos.

Campos, parado, percorre-se: “E todas as cidades do mundo, rumorejam-se dentro de mim...” (PAC, p. 345). Nascido à beira mar ele sabe que “viver não é preciso, navegar, sim, é preciso”. Navega na água da imaginação, da sensação em busca de si; não se achando completamente, constrói-se, inventa-se poetizando, ficcionalizando-se. Afinal, o que fazemos aqui nesta vida senão viajar rio acima, rio abaixo, dentro da canoa-palavra, em busca de quem somos? O homem é um ser de viagem porque é um ser de linguagem.

ABSTRACT

This essay tries to analyse the symbolism of the travel in *Poesias de Álvaro de Campos*, what it involves and how it processes itself in the textual construction of this “eternal traveler”, concluding that the constant postponements are not but simulations of a poetic traveling before the reader and with him.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Paulo de. *Margens pessoanas*. Belo Horizonte, 1995. Trabalho de Graduação apresentado à disciplina Literatura Portuguesa I – FALE, Universidade Federal de Minas Gerais. (Inédito)
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- COELHO, Jacinto do Prado. Álvaro de Campos. In: *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 6. ed. Lisboa: Verbo, 1980. p. 57-66.
- PAZ, Octavio. O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa. In: *Signos em rotação*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. (Coleção Debates) p. 201-220.
- PESSOA, Fernando. Poesias de Álvaro de Campos. In: *Obra poética*. Org., intr. e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 297-423.
- ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. 31-37.
- TABUCCHI, Antonio. Álvaro de Campos, engenheiro metafísico. *Pessoana mínima*. Lisboa: INCM, 1984. p. 45-50.